OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: O ENSINO DE HISTÓRIA E O EMPREGO DAS NOVAS TECNOLOGIAS

THE CHALLENGES OF CONTEMPORARY EDUCATION: THE TEACHING OF HISTORY AND EMPLOYMENT OF NEW TECHNOLOGIES

LOS DESAFÍOS DE LA EDUCACIÓN CONTEMPORÁNEA: LA ENSEÑANZA DE HISTORIA Y EL EMPLEO DE LAS NUEVAS TECNOLOGÍAS

Camila Gonçalves Silva(*)
Vítor Fonseca Figueiredo(**)

Resumo: Este artigo apresenta discussões pertinentes à prática pedagógica no ensino de história no contexto atual, ou seja, o uso das tecnologias como recurso e metodologia. Entendemos por emprego de tecnologias na educação não somente as ferramentas digitais, como internet, jogos ou redes sociais para dinamizar as aulas, mas também a utilização de diversos recursos audiovisuais no fomento tanto ao ensino como na pesquisa histórica. Nesse sentido, indicaremos as possibilidades educacionais mediante o uso de variadas tecnologias, dentre as quais, destacamos: computador, iconografia, filmes, música, arquivos, museus, mapas e literatura de cordel. A inserção dos referidos recursos no ensino é significativa, sobretudo, por estimular a participação e interação dos discentes na construção do conhecimento. Esta perspectiva se insere nas diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, no tocante ao ensino de história no nível fundamental e médio. O referencial teórico refere-se a obras cuja abordagem é análoga a proposta deste artigo.

Palavras chave: ensino, tecnologias, metodologia.

Abstract: This paper presents discussions pertaining to pedagogical practice in the teaching of history in the present context, the use of technology as a resource and methodology. We understand the use of technologies in education

* Camila Gonçalves Silva é graduada em História pela Universidade Estadual de Montes Claros. Mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF (2011). Especialista em Administração Escolar, Supervisão e Orientação Educacional. E-mail: camilag7@yahoo.com.br

** Vítor Fonseca Figueiredo é graduado em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (2006) Mestre (2010) e Doutorando em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, especialista em Educação a Distância. E-mail: ffvitor@msn.com

not only digital tools such as Internet, games or social networks to boost classes, but also the use of various audiovisual resources in fostering both teaching and in historical research. Accordingly, we will indicate the educational possibilities through the use of various technologies, among which we highlight: computer, iconography, movies, music, archives, museums, maps and string literature. The inclusion of these resources in teaching is significant, especially by stimulating the participation and interaction of students in knowledge construction. This perspective was incorporated into the guidelines proposed by the National Curriculum, as regards the teaching of history in elementary and secondary level. The theoretical framework refers to works whose approach is similar to the proposal of this article.

Keywords: education, technology, methodology.

Resumen: Este artículo presenta discusiones pertinentes a la práctica pedagógica en la enseñanza de historia en el contexto actual, o sea, el uso de las tecnologías como recurso y metodología. Entendemos por empleo de tecnologías en la educación no solamente las herramientas digitales, como internet, juegos o redes sociales para dinamizar las clases, pero también la utilización de diversos recursos audiovisuales en el fomento tanto a la enseñanza como en la investigación histórica. En este sentido, indicaremos las posibilidades educacionales mediante el uso de variadas tecnologías, de entre las cuales, destacamos: ordenador, iconografía, películas, música, archivos, museos, mapas y literatura de cordel. La inserción de los referidos recursos en la enseñanza es significativa, sobretodo, por estimular la participación e interacción de los alumnos en la construcción del conocimiento. Esta perspectiva se inserta en las directrices propuestas por los Parámetros Curriculares Nacionales, en lo que respecta a la enseñanza de historia en el nivel fundamental y medio. El referencial teórico se refiere a obras cuyo abordaje es análogo a la propuesta de este artículo.

Palabras clave: enseñanza, tecnologías, metodología.

Introdução

O artigo ora apresentado discutirá assuntos que estão cada vez mais presentes no cotidiano do docente no século XXI, ou seja, o uso das novas tecnologias na prática pedagógica. A crescente ampliação do acesso a internet e das redes sociais são apenas alguns exemplos de como os recursos tecnológicos estão cada vez mais sendo utilizados como ferramenta para mediar tanto as relações pessoais como profissionais. Estas mudanças inevitavelmente atingiram o setor educacional. Atualmente é cada vez maior o número de instituições de nível superior que trabalham utilizando recursos tecnológicos como ferramenta mediadora entre professor e aluno, como por exemplo, a modalidade de ensino a distância.

Não obstante, nosso exame concentrará no impacto das novas tecnologias nas instituições, bem como as possibilidades de utilização por professores que atuam em instituições escolares de nível fundamental e médio, onde se percebe que a introdução de novos recursos no fazer pedagógico vem se tornando uma necessidade e, também uma realidade. Muito embora, esse procedimento não siga o mesmo padrão em todas as escolas no Brasil, entretanto, no setor público e, principalmente no privado o uso de alguma tecnologia já é uma realidade.

Não há mais espaço para a resistência às mudanças, atualmente é prioritário, para os profissionais da educação, utilizarem, de modo adequado, as novas tecnologias. Nesse sentido, este artigo examina o emprego recursos audiovisuais e tecnológicos em suas distintas possibilidades na prática pedagógica do ensino de história, com ênfase para: a internet, a iconografia, os filmes, os mapas, os museus, os arquivos, a música e a literatura de cordel. O emprego destes recursos insere na perspectiva do ensino e da pesquisa histórica contemporânea, especialmente, para dinamizar as aulas e ao mesmo tempo estimular a participação e a constituição da consciência crítica dos discentes.

O ensino de História e a utilização de novas tecnologias

O professor Antônio Carlos da Conceição Marques (2010) analisou como estão sendo integrados os recursos tecnológicos na prática pedagógica do ensino de História no contexto contemporâneo. Para Marques o simples ato de inserir algum recurso tecnológico nas aulas não significará que as ações de ensino e aprendizagem terão maior eficiência. O maior desafio do professor é aprender a utilizar o recurso corretamente o que implica, obrigatoriamente, em ser flexível nesse período de grandes avanços e mudanças.

Nesse sentido, o autor reflete sobre o papel do docente no século XXI e como este deve utilizar a linguagem virtual e textual no ensino e aprendizagem. É prioritário que esse processo de adaptação ou readequação do profissional as necessidades contemporâneas precisa vir da base. Ou seja, nos cursos de graduação voltados para a formação de professores é preciso incluir nas disciplinas de prática pedagógica e didática conteúdos que promovam o aprimoramento da maneira de pensar o ensino. Para aqueles que já concluíram a formação acadêmica é preciso investir em cursos de aperfeiçoamento.

Conforme Marques, essa perspectiva deve ser inserida nas instituições escolares com muito cuidado, pois é comum a rejeição e a resistência a mudança por parte daqueles profissionais que já trabalham a anos seguindo uma mesma metodologia. A principal qualidade do professor contemporâneo é estar aberto a novas possibilidades pedagógicas, ser flexível às mudanças e ter disponibilidade para passar por momentos de adaptação. Como podemos observar, trata-se de uma mudança de paradigmas.

De todo modo, a introdução das tecnologias deve fazer parte de uma estratégia da política educacional. Em consulta as diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais/PCNs, no tocante ao ensino de História, é possível verificar que na proposta curricular oficial é recomendado que o ensino seja baseado na reflexão. Assim os conteúdos históricos têm o propósito transmitir o conhecimento acerca do papel do indivíduo enquanto sujeito histórico, crítico e consciente de que sua atuação é fundamental para os rumos da sociedade. Seguindo essa concepção, os conteúdos estão alicerçados através de eixos temáticos, o que torna possível ao professor adequar a proposta curricular oficial as necessidades da instituição escolar em que está em exercício. Ainda, de acordo com o autor:

> O trabalho pedagógico com os Conteúdos Estruturantes, básicos e específicos tem como finalidade a formação do pensamento histórico dos estudantes. Para isso, os professores e alunos utilizam em sala de aula e nas pesquisas escolares, os métodos de investigação histórica articulados pelas narrativas históricas desses sujeitos. Os alunos perceberão que a História está narrada em diferentes fontes (livros, cinema, canções, palestras, relatos de memória e outros), sendo que os historiadores se utilizam destas fontes para construírem suas narrativas históricas. (MARQUES, 2010, p. 05).

Sobre esse aspecto, nas orientações dos PCNs está expressa a necessidade de utilizar uma gama variada de fontes e recursos, sobretudo, para a compreensão dos conteúdos históricos através de várias perspectivas e referenciais. Marques (2010) afirma que não está expressa nos PCNs a obrigatoriedade quanto à utilização de recursos tecnológicos em sala de aula. Assim, o aluno pode ficar a mercê do uso restrito do livro didático.

É nesse momento que o docente precisa estar atento ao contexto em que ele está inserido. É cada vez mais frequente o uso indiscriminado do computador nas pesquisas escolares. Geralmente, quando o professor repassa um tema para pesquisa, os alunos simplesmente recorrem a um site de busca e após uma rápida consulta encontram uma gama variada de páginas na internet, com inúmeros textos e imagens. Acreditam, neste momento, que a pesquisa já foi concretizada. Selecionam a página que consideram possuir o conteúdo que melhor se adéqua a solicitação do professor e, literalmente, copiam na íntegra as informações contidas no site, sem qualquer análise. Vários alunos copiam textos e, inclusive realizam a impressão sem sequer ter realizado uma leitura prévia. É a banalização da pesquisa obsoleta, sem reflexão ou crítica. Torna-se uma mera oportunidade de conseguir alguns pontos em uma disciplina.

E o professor? Muitos profissionais utilizam o recurso da pesquisa, principalmente, para avançar no conteúdo e para facilitar o cumprimento de atividades avaliativas. É ligeiramente mais fácil dar notas em vários trabalhos

de pesquisa em grupo do que examinar cada questão de prova quando se é responsável por várias turmas. Logicamente, essa ação não pode ser vista de maneira genérica nem tão pouco generalizada. Sabemos que existem diversos profissionais da educação comprometidos com um ensino de qualidade, mesmo quando submetidos a uma jornada de trabalho exaustiva e com várias dificuldades no ambiente de trabalho.

Mas, a introdução das tecnologias no ensino perpassa obrigatoriamente a necessidade de instruir os alunos quanto ao uso destes recursos tanto nas pesquisas escolares, quanto como fonte para novas formas de aprendizado. Em virtude desse aspecto, os profissionais da educação precisam saber como utilizar para incluí-los na realidade do nosso ensino. Aspecto que ultrapassa a prática docente em sala de aula. Todos os funcionários de uma escola precisam saber e empregar os recursos tecnológicos conforme as necessidades diárias. Assim, não podemos ter a ilusória concepção de que o professor é o único responsável pela adaptação e qualificação profissional.

O pesquisador Carlos Augusto Ferreira (1999) faz menção a contribuição do uso do computador no ensino e na pesquisa na disciplina História. Dentre os quais, podemos mencionar o aprimoramento da criatividade e coordenação motora, dinamismo ao possibilitar a organização da vida escolar do aluno e da instituição e, realização de pesquisas e atividades orientadas com o uso de softwares e realidades virtuais.

É fundamental perceber que todas as formas mencionadas sugerem que o computador seja um recurso, pois é assim que ele precisa ser compreendido, e não como uma fonte inesgotável de conhecimento, cujos conteúdos disponíveis na internet estão livres de qualquer erro ou equívoco. Importante ressaltar que, é possível utilizar o computador para encontrar ótimas fontes de pesquisa e leitura. Contudo, o seu uso sem devida orientação, resulta, como mencionamos, em pesquisas obsoletas e na constituição de um conhecimento estéril.

Em contrapartida, computador pode ser uma importante ferramenta para que o professor possa ilustrar, dinamizar e exemplificar as aulas teóricas. Os alunos podem acessar sites de arquivos e museus consultar uma gama varia de fontes e, também interagir com alunos de outras escolas trocando conhecimento e informações sobre a sua rotina escolar. Várias escolas públicas e privadas de todo o país tem laboratórios de informática. Abre-se a possibilidade do professor de História verificar a disponibilidade quanto ao uso desse ambiente também em suas aulas na escola. Ademais, atualmente é possível acessar sites que contém softwares e jogos que foram criados com a finalidade de tornar o ensino mais dinâmico e criativo. Muitos destes sites estão disponíveis gratuitamente na internet.

Os sites que disponibilizam jogos inspirados nos contextos históricos podem conter, eventualmente, erros de informações e dados, mas é nes-

se momento que o papel do professor é de extrema relevância. Antes de utilizar é preciso analisar a viabilidade, verificar se há falhas, para que seja possível prestar esclarecimentos corretos para os alunos.

Contudo, é preciso fazer uma importante ressalva. Quando pensamos no uso dos recursos tecnológicos, como jogos, computadores e softwares, não estamos querendo dizer que as aulas teóricas devam ser substituídas ou relegadas ao segundo plano. Pelo contrário, a perspectiva contemporânea consiste em tornar o ensino voltado a realidade do aluno. É cada vez maior a percepção de professores, pedagogos e estudiosos da educação sobre a necessidade de repensar o papel da escola em um contexto de intensa globalização dos meios de comunicação e informação. Todos os recursos mencionados fazem parte do cotidiano de grande parte dos alunos do ensino fundamental e médio, aspecto que tende a variar conforme as diversidades regionais e estaduais. Percebe-se, pois a necessidade de reduzir a distância que separa, muitas vezes, a relação entre professores e alunos.

O domínio quanto ao uso da informática, por exemplo, é uma cobrança sólida do mercado de trabalho. De igual maneira, é visível a progressiva evolução e aperfeiçoamento destes recursos. O emprego de computadores nas escolas, atualmente, ultrapassa as questões pedagógicas. Muitas escolas de todo o país, em farta parcela instituições privadas, vem utilizando sistemas informatizados para controle administrativo e organizacional de vários departamentos da instituição. Diários de classe on line, programas de contabilidade para o setor financeiro e calendários virtuais cujo acesso é realizado por pais, alunos e professores estão sendo inseridos como importantes ferramentas para o funcionamento escolar.

Ademais, é frequente o uso de e-mails entre professores e alunos tanto para comunicação quanto para envio de materiais adicionais de estudos. Muitos pais, em virtude da indisponibilidade de estarem presente fisicamente nas escolas dos filhos, estão tendo, através dos sites das instituições, a possibilidade de acompanhar o rendimento escolar e manter contato com professores e o setor pedagógico. A priori, a uso da tecnologia na função administrativa e organizacional das instituições escolares se deu preferencialmente no setor privado e de nível fundamental, médio e superior que ofertam cursos presenciais e a distância e presenciais. Paulatinamente, vem sendo introduzido em várias escolas de todo o país, sobretudo, para organizar as ações pedagógicas.

Em virtude dessa nova realidade Marques (2010) afirma que os cursos de graduação em licenciatura precisam ser os primeiros a estimular e discutir esse tipo de prática pedagógica. É preciso que o docente saiba utilizar a tecnologia para organizar o seu trabalho e promover a aprendizagem dos alunos. Também não se trata de realizar uma mera 'reciclagem' no professor. Espera-se que a capacitação seja produtiva, especialmente, no uso adequado

conforme a necessidade do profissional e da escola, sabendo avaliar a sua real eficácia:

> A utilização das tecnologias no curso de graduação em História tem como princípio basilar instrumentalizar o aluno para a pesquisa e docência, na construção de banco de dados, participação em grupos de estudos via rede, entre outros. A formação do professor de História deve estar atento para as mudanças advindas dessa nova realidade, possibilitando ao graduando ser capaz de compreender, de ser crítico, de poder entender que se passa no mundo. (MARQUES, 2010, p. 09).

O próprio fato das diretrizes oficiais da educação não contemplarem o uso dos meios tecnológicos como algo obrigatório, pode se tornar um fator de resistência junto ao corpo pedagógico das escolas. Contudo, é preciso que os profissionais responsáveis pelo planejamento escolar reflitam acerca da necessidade de romper com as concepções de um ensino tradicional e mecânico e busquem novas alternativas para tornar o ensino de História não somente atrativo e dinâmico, mas que fundamentalmente cumpra a função educativa.

Possibilidades didático-pedagógicas audiovisuais de pesquisa e ensino em História

Dando continuidade a reflexão sobre o uso de recursos na prática pedagógica no ensino de História, iremos analisar como deve ser feito o emprego de métodos audiovisuais, sobretudo, o emprego da iconografia, dos filmes, da música, mapas e documentos. Esta discussão é de suma importância, haja vista o fato de que muitos docentes utilizam de modo equivocado estes recursos em sala de aula. Estas alterações foram responsáveis pela concepção de um ensino dialógico e crítico, voltado para a compreensão do conhecimento histórico por meio da multiplicidade de fontes, documentos e recursos passaram a ser interpretados através de vários referenciais.

A Iconografia

Observa-se o crescimento nos cursos de Pós-Graduação em História de estudos voltados para o interesse em incorporar fontes e documentos históricos nas aulas de ensino fundamental e médio. A historiadora Natália Germano Gejão (2008) em seu trabalho de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, (mestrado) examinou as possibilidades do uso de imagens e fotografias como recurso mediador para a construção do conhecimento histórico. Entretanto, a ênfase da pesquisadora está no emprego da imagem como uma

fonte histórica crítica e não simplesmente como forma de ilustrar as aulas e torná-las esteticamente interessantes:

> Neste contexto, a fotografia pode ser um instrumento relevante nas aulas de História, pois, fornecem aos professores importantes recursos para auxiliá-los em sua tarefa de promover a aprendizagem dos alunos. Isto porque as cenas recortadas e representadas na imagem congelada podem conter informações novas sobre os fatos históricos, e que, quando trabalhadas de forma adequada, auxilia na formação de alunos capazes de raciocinar historicamente, criticamente e com sensibilidade sobre a vida social, material e cultural das sociedades. (GEJÃO, 2008, p. 02).

Para a pesquisadora a opção pelo emprego de fotografias, por exemplo, é viável para grande parte dos professores de instituições públicas e privadas. Isso porque, nos livros didáticos utilizados nas escolas é frequente a presença de pinturas e fotografias referentes aos contextos históricos analisados. Em muitos casos, não é prioritário investimento econômico para tornar o ensino dinâmico e reflexivo, basta ao docente utilizar adequadamente os meios disponíveis em seu cotidiano de trabalho.

Conforme Gejão (2008) é preciso estabelecer uma metodologia para análise dessas imagens. Isso porque, a fotografia reflete o objetivo daquele que a confeccionou. É necessário introduzir questionamentos: O que essa imagem representa? Qual é a disposição dos personagens? O que ela pretende transmitir (mensagem) ao expectador? O que a imagem expressa? (analisar cor, definição, informações técnicas do autor e do período).

A pesquisadora afirma que no decorrer do exame em sala de aula é preciso ter percepção de que a constituição de uma fotografia ou uma pintura detém três elementos essenciais: "o autor, o texto visual propriamente dito, e o leitor da imagem" (Gejão, 2008, p.04) É preciso dar enfoque na percepção da representação que a imagem utilizada possui acerca da matéria estudada. O professor deve repassar aos alunos que este recurso pode evidenciar interesses políticos, sociais e culturais, por exemplo. Trata-se da concepção de que o conteúdo estudado precisa conter significado, ou seja, fazer sentido para o aluno.

Mirian Manini (2010) destaca que, quando um professor seleciona uma imagem de pintura ou fotografias como recurso didático pedagógico, inevitavelmente está escolhendo algo que já foi antecipadamente interpretado. Podemos explicar o que a autora disse de uma maneira bem simples. Quando nos reunimos com amigos ou parentes a fim de tirar fotografias, certamente alguns irão preocupar com a maneira em que aparecerá na fotografia. Alguns vão se arrumar ou verificar que posição fica melhor apresentáveis, outros irão organizar a disposição de cada um, de modo que todos possam aparecer na imagem. Estas ações, por si, tiram a naturalidade da

fotografia, pois esta foi esquematicamente pensada e planejada. Teve, pois um objetivo, ou seja, um interesse:

> Os estudiosos das fontes fotográficas - teóricos, historiadores da fotografia e pesquisadores de outras áreas que se utilizam da iconografia fotográfica do passado em suas investigações específicas - deverão, mais cedo ou mais tarde, confrontar-se com o fato de que no momento em que observam e analisam uma fotografia eles estão diante da segunda realidade: a do documento. [...] um artefato que contém um registro visual, formando um conjunto portador de informações multidisciplinares, incluindo estéticas. (MANINI, 2010. Apud. KOSSOY, Boris. Fotografia e história. São Paulo, Ática (Série Princípios), 1989, p. 98).

Esse rigor o professor precisa ter nos momentos em que utiliza recursos iconográficos em suas aulas. Esta é, pois uma importante ferramenta na construção do conhecimento histórico pelos alunos. A análise iconográfica deve se realizar juntamente com o aluno, ou seja, o professor não deverá trazer toda a análise pronta e simplesmente repassar. Deve percorrer o caminho que equivale à introdução dos questionamentos que propomos até a formação do conhecimento histórico propriamente dito.

Os Filmes

A utilização de filmes como recurso didático em sala de aula não é uma novidade no ensino de história. Vários professores, esporadicamente, recorrem a esta ferramenta no sentido de ilustrar as aulas teóricas. Contudo, o emprego sem o rigor analítico necessário e finalidade adequada não promove o aprimoramento do saber. É comum selecionar filmes somente para preencher carga horária em uma disciplina, bem como para ocupar horários vagos diante da ausência do professor. Essa prática elimina o propósito pedagógico, e gera na concepção dos alunos que o uso de filmes não tem qualquer relação com ensino e aprendizagem, um 'mero' lazer.

As historiadoras Bárbara Silva Santos, Tatiane Menezes Santana e Priscila Dantas Fernandes (2011) examinaram a contribuição do filme no sentido de ampliar o conhecimento crítico dos alunos do ensino fundamental. Com o vertiginoso acesso as tecnologias de comunicação, as TICs, é cada vez mais prioritário que os docentes recorram a uma linguagem que promova o maior contato entre alunos e professores. Existe uma gama variada de sites que disponibilizam gratuitamente diversos filmes, estes, são utilizados com frequência por crianças e adolescentes. Seguindo a perspectiva de tornar o ensino de história algo que tenha relação com o contexto na qual o aluno está inserido, o emprego dos filmes pode ser uma importante ferramenta para a produção do conhecimento histórico. Para as autoras, os

filmes são documentos impregnados de concepções referentes ao objetivo da sua produção, ou seja, possuem valores morais, elementos culturais, políticos, econômicos e sociais.

Fernandes, Santos e Santana (2011) afirma que, assim como o emprego da iconografia em sala de aula, é preciso que o professor estabeleça um rigor metodológico que será o fio condutor de suas considerações. O filme não expressa uma verdade absoluta, é permeado de significados e representações. A sua utilização precisa ser no intuito de despertar a curiosidade e incitar a necessidade de conhecer com afinco determinado assunto. Por isso é fundamental que o professor não traga a análise do filme pronta para a sala de aula, esta leitura precisa ser realizada pelos alunos e com os alunos.

O docente não precisa ficar restrito a utilização de produções cinematográficas conhecidas, pode utilizar documentários e demais produções que tenham relação com o conteúdo ministrado. O professor, mestre em História Social, Jairo Carvalho do Nascimento (2008) destaca que o uso deste recurso está expresso nos Parâmetros Curriculares Nacionais/PCNs, como consequência das mudanças na política educacional durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (1994-1998). Neste período, foram distribuídas nas escolas públicas de todo o país, os chamados 'kits tecnológicos', que continham televisores, parabólicas, videocassetes, sob o propósito de adaptar a escola ao contexto de profusão dos meios de comunicação. Atualmente, muitas escolas públicas também já receberam verbas no intuito de estruturar laboratórios de informática que estão sendo utilizados por professores de várias disciplinas.

Para Nascimento (2008), em muitos casos, a pouca utilização de filmes em sala de aula é devido ao rarefeito preparo e conhecimento que os docentes detêm a cerca do seu benefício pedagógico. Grande parte dos cursos de graduação se restringe a discussão da legislação educacional e dos métodos e didática de ensino de maneira básica, ou seja, como ministrar e planejar aulas teóricas. O enfoque em adaptar o profissional ao contexto atual ainda é rarefeito. Deste modo, ao ser integrado ao mercado de trabalho o docente mantém a concepção de que o uso de filmes tem exclusivamente mero caráter ilustrativo.

Em contrapartida, ainda há professores que se recusam a realizar mudanças na sua forma de trabalho e não nutre qualquer embaraço ao afirmar que não sabe manusear os equipamentos disponíveis na instituição escolar. O comodismo é um forte entrave para o ensino de qualidade. A falta de habilidade e o desinteresse em tê-la influenciam diretamente no sentido de arraigar justificativas de que as aulas de História são desinteressantes.

De acordo com Nascimento, a docência não é uma profissão imutável, pelo contrário. As práticas pedagógicas são resultado das próprias transformações político e sociais de um país. Aspecto que é inerente ao próprio

desejo de um profissional. Sabemos que a qualificação profissional continuada não é uma realidade exclusiva do setor educacional. Médicos e técnicos de várias áreas, por exemplo, estão tendo que fazer cursos de aperfeiçoamento para manusear equipamentos modernos de precisão. Ademais, o professor precisa utilizar os recursos que a instituição possui, pois esta é a finalidade, promover um ensino de qualidade a partir de métodos e técnicas de ensino que atendam as necessidades do contexto contemporâneo.

A música

É possível verificar o uso de letras de música em muitas provas de História de vestibulares em todo o país. As letras fazem menção a contexto políticos e sociais na qual o autor e compositor estar imerso no contexto de sua produção ou fruto de suas experiências. A utilização deste recurso nas aulas de História faz referência a aprendizagem que se volta para a relação com o cotidiano dos discentes e com a sua forma de expressar. A música precisa ser utilizada como uma fonte, um documento de estudo e de pesquisa, por isso é fundamental o rigor analítico. Ramon de Alcântara Aleixo, Wagner Tavares da Silva e Patrícia Cristina de Aragão Araújo (2010) afirmam que o uso da música é resultante da perspectiva de introdução das novas linguagens no processo de ensino da história no nível fundamental e médio.

Em nosso país a profusão cultural é um produto de consumo vinculado ao lazer e entretenimento. Não obstante, vários artistas recorrem à expressão musical para imprimir e, ou questionar valores vigentes e, ainda abordar questões que permeiam a sociedade de modo geral. A escolha não pode ser aleatória, é importante que o uso permita a reflexão quanto ao significado e exame crítico da canção. Deste modo, no ato do planejamento da aula é preciso definir as razões pelas quais a música selecionada será utilizada. Elaborar um roteiro de análise para os alunos também é fundamental. Neste roteiro precisa conter alguns questionamentos: Em que período esta letra foi redigida? O que o autor expressa? O que ela exprime? (valores, questionamentos, reflexões) Quais foram os conceitos utilizados?

Estes são apenas alguns exemplos que os professores podem recorrer no momento em que levarem para a sala este recurso pedagógico. A forma de introdução deste recurso também pode ser diversificada. Leitura e audição da letra com a interação com os alunos é uma boa opção. Deste modo, o uso desse recurso tem a finalidade de dinamizar e promover a construção do conhecimento histórico, para os referidos pesquisadores:

> Um trabalho com a linguagem expressa das canções foge ao convencional em sala de aula. Seu propósito é auxiliar o aluno a construir o conhecimento histórico a partir de documentos diferenciados dos costumeiramente presentes nas aulas e, por isso, sua utilização está relacionada a propostas alternativas de organização de conteúdos. Os diferentes temas trabalhados na canção (trabalho, disciplina do trabalho, mecanismos de poder, repressão, entre outros) podem sugerir ao professor novos roteiros de organização dos conteúdos a serem desenvolvidos, desviando-se de propostas

> guiadas exclusivamente pela cronologia, predominantes nos manuais didáticos. (ALEIXO; ARAÚJO; SILVA, 2010, p. 08).

As músicas são registros cujo entendimento deve estar associado à compreensão de aspectos cronológicos, ou seja, o contexto em que foi veiculada, e o significado que o autor/artista quis expressar com esta ação. Enfim, esta é uma importante metodologia para fomentar a aprendizagem de maneira espontânea.

Museus e arquivos: Lugares de Memória

"Por que visitar um museu?" Esta apreciação inicia com o emprego do questionamento e análises elaboradas pelos pedagogos Adriana Mortara Almeida e Camilo de Mello Vasconcelos. (2008) Sabemos que muitas escolas realizam visitações a museus, sobretudo, para complementar as aulas ministradas em sala de aula. Percebe-se que a visita, em algumas ocasiões, poderia deter maior rigor metodológico, ou seja, o destaque deve ser em torno da contribuição que estas instituições oferecem no sentido de preservar a cultura material de uma da sociedade. Nesse sentido, a visita como forma de aprendizagem é o foco de nossa discussão.

Para Almeida e Vasconcellos (2008) os museus de ciências humanas são os mais visitados pelos professores de História, contudo, os museus de ciências naturais e de arte também são importantes ambientes para complementação da aprendizagem. Através da visita é possível que o professor forneça algumas explicações que são fundamentais para que o aluno perceba, na prática, noções de preservação documental e a contribuição do material para rememorar uma gama variada de atribuições: culturais, sociais, políticas, biografias, modos de produção e organização, economia etc. Em contrapartida, é uma ocasião importante para verificar como o material disponível foi selecionado para estar naquela instituição. Vários museus têm exposições permanentes que necessariamente não seguem um rigor científico na disposição dos materiais. A escolha e arrumação acompanham as orientações dos responsáveis pela instituição, exprime, pois, valores políticos ou ideológicos, por exemplo. Isso deve ser explicado para o aluno.

Por seu turno, a visita precisa ser correlata a abordagem didática realizada em sala de aula. Deste modo, é imperativa a seleção de um tema e um recorte espacial que será o foco daquela ação. Nem sempre é preciso percorrer todas as partes do museu, mas aquelas que considerar serem correspondente ao objetivo proposto. A visita a museus e arquivos não pode ser aleatória, somente com a função de sair da rotina das aulas ou como um mero momento de entretenimento. Assim, a visita pode ser realizada de acordo com os interesses pedagógicos. Em um museu, o professor terá a disposição uma gama variada de documentos históricos, fotografias, acervos

e coleções doadas por familiares, quadros, artefatos, dentre outros. Enfim, é preciso realizar uma leitura desse material, identificar o contexto histórico, quem elaborou e a finalidade para aquele contexto, e o que representa para os sujeitos na atualidade.

Ademais, é preciso romper com a concepção de que museu é o lugar onde ficam guardadas as 'coisas velhas e antigas'. Grande parte das visitas não é profícua justamente pela ausência de definição clara e concreta da sua finalidade. Almeida e Vasconcelos salientam que, em alguns casos, a forma como estão organizados os museus amplia a percepção de ser um local desconexo com a realidade da população que visita. "Muitas vezes elas [materiais] são apresentadas como uma reunião de objetos em vitrinas com etiquetas informativas, o que concorre para uma total dispersão e desinteresse do público visitante [...] (ALMEIDA; VASCONCELLOS, 2008, p.106).

Essas falhas vêm sendo progressivamente corrigidas em função da ampliação de cursos superiores e especializações voltadas para a formação de museólogos com habilidades e competência necessária. Estes profissionais também se dedicam a elaborar explicações que possam ser facilmente compreendidas pelos leigos, ou seja, os visitantes, sem que haja perda do rigor científico, importante para respaldar a qualidade do acervo.

Também é essencial que o professor fique atento a evitar explicações excessivamente científicas, com o mesmo rigor utilizado por arqueólogos ou antropólogos, por exemplo. Isso porque, torna o momento algo maçante e pouco eficaz em relação ao entendimento dos discentes. A escolha dos conceitos e linguagem precisa estar atrelada ao perfil dos alunos.

Além disso, é possível explorar a diversidade de acervo disponível em um museu. Ao invés de ficarem restritos a exposições de arte, coleções e objetos, vários museus também possuem setores que se dedicam a preservar e pesquisar documentos históricos. Os arquivos são significativos, sobretudo, como espaço memorialístico e investigativo. De acordo com Almeida e Vasconcelos (2008) é o momento em que o professor pode tornar a reflexão sobre um contexto do passado a partir do emprego de um documento. Este instante não deve ser visto como algo 'ilustre' e 'nostálgico', caberá ao professor enfatizar o estudo sobre o que o documento representa, o seu significado e sob que ótica o mesmo foi elaborado. Do mesmo modo, é preciso verificar o material didático que é entregue aos visitantes que contém informações acerca do acervo e do arquivo. Os textos podem, eventualmente, conter explicações resultantes de interesses de determinadas classes. Ao atentar sobre esse aspecto, o professor poderá fornecer informações adicionais e coerentes para a elaboração do conhecimento histórico.

Sabemos que o ideal é que os museus possuam profissionais qualificados que possam contribuir por meio de visitas monitoradas, palestras ou conferências. Mas, caso a instituição visitada pela escola não tenha esse

aparato, é essencial que o professor faça uma visita prévia e trace um planejamento para que o seu objetivo não seja perdido em função indisponibilidade de auxílio.

Ademais, os historiadores Geraldo Balduíno Horn e Geiso Dongley Germinari (2006), fazem menção ao uso de arquivos particulares e familiares no ensino de História, principalmente para introduzir os alunos no ensino nas séries iniciais. Esta perspectiva possibilita o desenvolvimento dos estudos sobre sociedade a partir de elementos presentes na vida cotidiana dos alunos, como por exemplo, arquivos de fotografias de familiares, documentos antigos, exemplares de revistas e jornais de períodos passados. Para os autores abre-se a possibilidade de fazer estudos referentes desde a História Nacional, como a História Local e Regional, atendendo as diretrizes dos PCNs, principalmente, para aproximar o ensino de História e, do mesmo modo, possibilitar o entendimento sobre processos políticos, administrativos, sociais e culturais da realidade do discente.

O uso desses documentos não pode ser de maneira aleatória, é preciso rigor quanto o emprego. Ao contrário dos documentos disponíveis em arquivos públicos ou em museus, os arquivos familiares não seguem a mesma estrutura e disposição. Não estão organizados por meio de um rigor científico. É preciso que o professor, num primeiro momento, defina os objetivos quanto ao uso dessas fontes. A partir dessa ação o professor irá introduzir explicações referentes a forma que irá utilizar os documentos como fontes de pesquisa: escolher o tema, estabelecer qual metodologia irá empregar para analisá-los e, essencialmente, quais serão os critérios que definirão a seleção dessas fontes. (GERMINARI; HORN, 2006, p.117-144) Enfim, podemos concluir, em todas as atividades do professor é imprescindível planejamento, especialmente quando se trata do uso de fontes documentais.

O uso de mapas

Para examinar a produção do conhecimento histórico através da utilização de mapas o nosso referencial teórico será o trabalho realizado pelo professor de História Ms. Marcos Salete Fernandes (2007) vinculado do Programa de Desenvolvimento Educacional da Universidade Estadual de Londrina. Fernandes tece importantes reflexões acerca da inserção de objetos como recurso mediador para a construção do conhecimento histórico.

Para o autor, estes são ricos em significados e tem uma linguagem que facilita a interação com os alunos, resultando na formação do conhecimento a partir do contato com elementos dinâmicos. A forma como concebemos e medimos o tempo é uma criação do homem, a demarcação territorial não foge a essa perspectiva. Deste modo, o mapa é senão uma convenção. Ainda, para Fernandes:

> Os traços, a escolha da escala, as cores, a grafia ou fonte, aquilo que aparece e o que é omitido é uma manifestação de um conceito que temos do real. Se nos debruçarmos sobre um mapa, mesmo tendo sido utilizado uma boa representação geográfica fundamentada em fotos aéreas e de satélites, estaremos diante de uma convenção. (FERNANDES, 2007, p. 06).

A disposição dos países nos mapas, por exemplo, obedecem as modificações de expansão ou divisão das nações, possíveis alterações geográficas ou, ainda delimitação de fronteiras. Em contrapartida, os mapas também são resultado da visão de mundo que a sociedade possui naquele período em que o mesmo foi confeccionado.

A escolha dos mapas voltados para o ensino de História deve ter relação com a matéria estudada. Essa afirmação parece ser evidente, contudo, é frequente o uso de mapas que não tem relação com a matéria, como, por exemplo: O docente utiliza o mapa mundo para explicar as relações políticas e econômicas da região sudeste do Brasil no século XX. Esta escala ampliada dificulta tanto a explicação do professor, visualização pelo aluno e, consequentemente dispersa a atenção dos discentes. Além disso, as explicações em sala de aula também devem ser voltadas para um exame crítico deste documento, aspecto que varia conforme o conteúdo estudado e objetivo quanto a utilização do mapa: O que ele contém? Qual a visão de mundo que o autor do mapa quis enfocar? Quais são as suas informações? Apenas imprime relações de fronteira?

Deste modo, o estudo mediado com o uso de mapas não deve ficar restrito a concepção de localização geográfica, embora este também seja um objetivo significativo. Sendo uma imagem, o mapa pode expressar conceitos, símbolos que uma sociedade ou nação tem o interesse em ressaltar. Para Fernandes (2007) trata-se de um recurso lúdico que é influenciado por interesses ideológicos ou políticos.

É possível verificar a concepção arraigada em vários docentes em relação às razões para o não emprego de mapas nas aulas de história. De acordo com o senso comum os mapas são necessários exclusivamente para disciplinas como geografia. Triste engano. São vários, os alunos que reclamam durante as aulas de História de não terem a mínima noção sobre os locais as matérias nas disciplinas. Estudar o Império Romano, por exemplo, parece ser completamente distante quando se fica restrito ao uso do quadro e do giz. A disposição geográfica referente às fronteiras das regiões que faziam parte do Império Romano em nada lembra o que verificamos atualmente. Em momentos como este é importante que o professor pesquise mapas daquele contexto e demonstre como foi o processo de expansão e como ficaram organizadas as regiões ao longo dos séculos. Não é possível compreender com facilidade quando essa ação permanece apenas a imaginação.

Num primeiro momento, é comum pensar que encontrar mapas antigos é algo no mínimo difícil ou raro. O que não é verdade. Atualmente, existem diversos sites que disponibilizam gratuitamente mapas de vários contextos históricos. Há algumas décadas o professor precisava carregar consigo mapas com grandes dimensões, era trabalhoso e pouco prático. Hoje é possível salvar em um pen drive ou CD e levar para a sala de aula. Nas escolas que não possuem data show é possível realizar a impressão em lâminas para serem visualizadas através de retro projetores.

Outro ponto que não podemos deixar de mencionar, é o emprego de mapas interativos em muitas escolas de todo o país. Com o avanço e facilidade ao acesso das novas tecnologias, várias escolas, especialmente, no ensino privado disponibilizam esse recurso para os professores. Todos os profissionais precisam aprender a utilizar esses recursos sob pena de serem classificados como obsoletos. Esta é uma realidade, e não podemos fugir.

Enfim, o uso do mapa apenas para ser referencial espacial é insuficiente. É preciso que sua utilização seja ponto de partida para fomentar reflexões, explorar racionalmente, indicando ao aluno como deve ser efetuada a leitura do mapa. Em vista disso, é essencial que o mapa tenha relação com a explicação do professor, a imagem meramente ilustrativa não permite a construção do saber.

A Literatura de Cordel

Maria Ângela de Faria Grillo (2003) faz referência ao uso da literatura de cordel no ensino de História. A literatura de cordel foi um recurso utilizado para expressar, através de xilogravuras e versos, aspectos culturais e sociais, principalmente das regiões do Nordeste do Brasil. Cumpre função de destaque do ponto de vista social e cultural, sobretudo, por terem sido utilizados por uma camada desprestigiada economicamente como, analfabetos e contadores de história, desde a segunda metade do século XIX ao século XX: "O grande narrador da vida local nordestina é o poeta de cordel, que desde o início do século XX pelo menos, percorria o sertão de feira em feira, de mercado em mercado, cantando seus versos e vendendo seus folhetos" (GRILLO, 2003, p.116).

A autora ressalta que, nesse período, os poetas da literatura de cordel eram fundamentais para a transmissão dos valores culturais da região. Isso porque, a região nordestina, nesse período, era fortemente caracterizada por uma população majoritariamente analfabeta. O uso de imagens para compor as histórias narradas foi fundamental para a popularização e compreensão pela população local. Ademais, muitos poetas cantavam ou narravam oralmente as histórias do cordel, fator que possibilitou tanto o apreço quanto a memorização pelos ouvintes.

O conteúdo expresso nos cordéis, majoritariamente, fazia menção às questões sociais que assolavam a vida do homem sertanejo, como a seca, a fome, o descaso do poder público, mandonismo local e regional e as dificuldades econômicas. Além disso, os personagens das histórias tinham profunda ligação com a cultura local e com as questões políticas de nível local e nacional. De acordo com Grillo, através dos folhetos era possível saber informações sobre políticos, questões eleitorais, casamentos, nascimentos e morte de pessoas ilustres da cidade e, inclusive do país. Embora seja um recurso de expressão impresso, grande parte dos cordéis eram fundamentados por fatos resultantes da memória e pelas narrativas orais que eram repassadas pela tradição, folclore, lendas e costumes regionais, por meio de poesias, cantigas e versos. A inspiração nas narrativas orais foi primordial para a compreensão de todos os indivíduos da sociedade.

Não obstante, o conteúdo dos cordéis no ensino de História pode ser utilizado para compreender as ações da política dominante local e regional, bem como as alternativas encontradas pela população para contornar e contestar suas ações na sociedade, mediante o uso dos 'anti-heróis'. Os 'anti -heróis' são personagens característicos da sociedade sertaneja, relativos aos "estradeiros, astutos, trapaceiros" que ludibriavam as ações do poder local. As imagens e os símbolos presentes nos cordéis, de igual maneira, também são diversificados e exprimem relação com as concepções da cultura popular mediante o uso do humor, sarcasmo e ironia no trato de temas com teor crítico.

Deste modo, a literatura de cordel pode ser uma fonte importante na prática pedagógica do ensino de história, por ter sido uma fonte de expressão, permite o entendimento de distintos aspectos: políticos, econômicos, sociais e culturais do ponto de vista da sociedade menos abastada "[...] permitindo que se resgate uma série de atitudes críticas entre os chamados setores populares". (GRILLO, 2003, p.119). Justamente por isso, é preciso ter cautela quanto ao emprego desta fonte no ensino. O autor do cordel está imerso nas interferências do contexto que vivencia ou vivenciou. O seu trabalho irá refletir distintos significados que irão variar conforme o público leitor e as questões regionais deste público. Esses aspectos precisam ser levados em consideração pelo professor no ato da utilização do cordel. Será relevante, desse modo, para entender as diversas 'visões de mundo' dos cordelistas.

De acordo com Grillo, atualmente, a presença da literatura de cordel no Brasil não está restrita a região do Nordeste brasileiro. Devido às correntes migratórias durante o século XX é possível identificar a presença de artistas do cordel nas regiões do centro-oeste e sudeste brasileiro, como Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Estas produções também refletem o saudosismo dos indivíduos que tiveram que sair dos seus estados em busca de emprego.

O que permite mais uma apreciação, referente aos movimentos migratórios no Brasil. Nesse sentido, torna-se uma fonte e, por conseguinte um recurso viável a ser introduzido na prática pedagógica do ensino de história. Há ainda, a possibilidade do professor, instruir seus alunos a pesquisar sobre as temáticas abordadas nos cordéis, para que os mesmos, posteriormente, possam também elaborá-los. Esta ação pode ser executada como parte integrante de oficinas pedagógicas, apresentações ou trabalhos de pesquisa.

Considerações Finais

Este artigo apresentou algumas reflexões acerca dos desafios da prática pedagógica no ensino de história, no contexto contemporâneo. As análises ora apresentadas se respaldam nas orientações expressas pelas diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais, no tocante ao ensino de história. Dentre os desafios destacamos, a priori, a utilização dos novos recursos tecnológicos na prática pedagógica do ensino de historia, que ostentam a função de dinamizar o trabalho administrativo, pedagógico e o contato entre professores, alunos e seus responsáveis. Posteriormente, examinamos como devem ser introduzidos os recursos audiovisuais tanto no ensino quanto na pesquisa histórica, especialmente: a iconografia; os filmes, as músicas; os museus e arquivos, os mapas; a literatura de Cordel.

Por conseguinte, a sua inserção não deve ficar limitada ao interesse meramente ilustrativo, pelo contrário. É preciso conter significado, fazer sentido conforme o conteúdo ministrado e, mediante a realização de um rigoroso planejamento pelo professor. O emprego dos recursos audiovisuais e das fontes históricas deve estar atrelado ao interesse em promover reflexões sobre o processo de construção do conhecimento histórico e, também para dinamizar o ensino de história mediante ao estimulo a participação dos discentes.

Referências

ABREU, Martha; SOIHET, Raquel (orgs). **Ensino de História:** conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, 249p.

ALEIXO, Ramon de Alcântar; SILVA, Wagner Tavares. **O uso da música como nova linguagem no processo de ensino-aprendizagem de história:** uma análise critica sobre a projeção do sujeito na canção "construçao". Disponível em: < http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2004%20-%20Ramon%20de%20Alc%C3%A2ntara%20Aleixo%20e%20%20Wagner%20Tavares%20da%20Silva%20TC.PDF > Acesso em abril de 2012.

AZEVEDO, Patrícia Bastos de. **Ensino de História e memória social.** A construção da história ensinada em uma sala de aula dialógica. p.01-15. Disponível em: < http://www.uff.br/pos_educacao/joomla/images/stories/Teses/patriciaazevedo03.pdf > Acesso em abril de 2012.

BRUCE, Fabiana; FALCÃO, Lúcia; DIDIER, Maria Thereza. **História e Ensino de História.** Texto publicado pelas autoras no Caderno de Estudos Sociais da Fundação Joaquim Nabuco. Recife, vol. 22,n. 2, jul./dez., 2006, p. 199-207. Disponível em: < http://www.pgh.ufrpe.br/Fabiana%20e%20lucia.pdf > Acesso em maio de 2012.

CASTRO, Maria Cecília. **As tecnologias e seus artefatos como possibilidades de 'uso' no ensino de História e Cultura da África.** Disponível em: < http://www.educacaoecomunicacao.org/leituras_na_escola/textos/oficinas/textos_completos/as_tecnologias_e_seus_artefatos.pdf > Acesso em abril de 2012.

ECCO, Idanir. **Ensino de História:** evidências e tendências atuais. Revista Ciências Humanas, 2007, v.8, nº 10, p.123-141. Disponível em: < http://www.sicoda.fw.uri.br/revistas/cienciashumanas/verartigo.php?cod_art=79&cod_edi=7 > Acesso em abril de 2012.

FERNANDES, Marcos Salete. **O ensino de História e a produção do conhecimento histórico através do uso de mapas.** p.01-20. Disponível em: < http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/650-4.pdf > Acesso em abril de 2012.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História ensinada.** São Paulo: Papirus, 1993, 163p. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

FONSECA, Selva Guimarães. O trabalho do professor na sala de aula: relações entre sujeitos, saberes e práticas. **Revista Brasileira. Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 91, n. 228, p. 390-407, maio/ago. 2010. Disponível em: < http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/1619/1344 >Acesso em abril de 2012.

GEJÃO, Natália Germano. A produção do conhecimento histórico mediado pelo uso da imagem fotográfica**:** Estudo de caso, Primeiro Governo Vargas. **Anais do XI Encontro Regional da Associação Nacional de História – ANPUH/PR "Patrimônio Histórico no Século XXI"**. Jacarezinho, dos dias 21 a 24 de Maio de 2008. ISSN: 978-85-61646-01-1, p.01-07. Disponível em: < http://www.cj.uenp.edu.br/ch/anpuh/textos/049.pdf > Acesso em abril de 2012.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. A literatura de cordel na sala de aula. In. ABREU, Martha; SOIHET, Raquel. (orgs.) **Ensino de História**: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p.116-126

HORN, Geraldo Balduíno; GERMINARI, Geyso Dongley. **O ensino de História e seu currículo:** Teoria e Método. Rio de Janeiro: Vozes, 2006, 158p.

LEMOS, Vanessa dos Santos. **A mulher na iconografia brasileira:** Do Império ao início da República. 2010, p.1-17. Disponível em: < http://guaiaca.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/16 > Acesso em abril de 2012.

MANINI, Miriam. **O uso da iconografia no ensino e na pesquisa:** o acervo de multimeios do arquivo Edgard Leuenroth. Cadernos AEL, n. 5/6, 1996/1997. Disponível em: < http://143.106.35.204/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/view/124/133 > Acesso em abril de 2012.

MARQUES, Antônio Carlos Conceição. **As Tecnologias no ensino de História:** uma questão de formação de professores. p.01-14. Disponível em: < http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1415-8.pdf > Acesso em abril de 2012.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. Cinema e ensino de história: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula. **Fênix, Revista de História e estudos culturais**. Abril-Maio, 2008, vol. 5, ano V, p.1-23. Disponível em: < http://www.revistafenix.pro.br > acesso em 25 de abril de 2012.

PRADO, Berenice. **História na música:** elementos de uma metodologia para trabalhar com música no ensino de história na perspectiva da educação histórica. Curitiba, 2009, 39p. Disponível em: < http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/156-4.pdf > Acesso em abril de 2012.

RAMOS, Francisco Régis Lópes. Uma questão de tempo**:** o uso da memória nas aulas de história. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 30, n. 82, p. 397-411, set.-dez. 2010. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em 25 de abril de 2012.

RICHIT, Adriana; MALTEMPI, Marcus Vinícius. **Formação Profissional docente, novas e velhas tecnologias:** avanços e desafios. Disponível em: < http://www.rc.unesp.br/igce/demac/maltempi/Publicacao/Richit-Maltempi-cibem.pdf > Acesso em abril de 2012.

ROSA, Michele Rossoni. Educação Histórica, fontes históricas e novas tecnologias: descompassos e possibilidades. **Revista ÀGORA**, Porto Alegre, Ano 2, jul/dez.2011, p.13-24.

ISSN 2175-3792. Disponível em: < http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/revistavirtualagora/educacao_historica.pdf > Acesso em abril de 2012.

SANTOS, Bárbara Silva; SANTANA, Tatiane Menezes; FERNANDES, Priscila Dantas. Filme como ferramenta didática no ensino de História. São Cristovão/SE: **V Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade",** 2011, p. 01-09. Disponível em: < http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%208/PDF/Microsoft%20Word%20-%20FILME%20COMO%20FERRAMENTA%20DIDaTICA%20PARA%20O%20ENSINO%20DE%20HISToRIA.pdf > Acesso em abril de 2012.

Artigo recebido em 12/10/2012 e aceito para publicação em 17/01/2013